ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

ORFEÃO

ORFEÃO

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

N.º 15 **MARÇO . 1972**

ORFEÃO não se responsabiliza pelas ideias expressas em artigos assinados pelos autores e apenas reconhece como seus os pontos de vista expendidos em artigos não assinados, que são responsabilidade da direcção. Também não se obriga a devolver originais recebidos, ainda que não sejam publicados.

- **Editor:**
  Orfeão Universitário do Porto
- **Direcção:**
  António Vidal
- **Administração:**
  Armando Lopes
- **Tesouraria:**
  M.ª de Fátima Diniz
  Teresa Diogo
- **Redacção:**
  Manuel Rúben
  M.ª José Diogo
  Conceição Salgado
  M.ª da Luz Rosmaninho
- **Arranjos Gráficos e Arquivo:**
  Lourenço Marques
- **Relações públicas:**
  Parcídio Matos
- **Fotografia:**
  António Brochado
- **Colaboradores:**
  M.ª de Fátima Pinto
  Ana Maria Salgueiro
  Manuel Massa
  Luís de Carvalho
- **Impressão:**
  Tipografia do Carvalhido
- **Redacção e Administração:**
  Orfeão Universitário do Porto
  R. Prof. Vicente José de Carvalho
  Telefone 31029 - PORTO

sumário

pág.

3 **EDITORIAL**

4 **FILOSOFIA DO IMBECIL** — por Armando Lopes

7 **«US» DE PETER BROOKS** — Texto de Dennis Cannon

5 **FREI ANGÉLICO** — por M.ª de Fátima Dinis

8 **OBSERVANDO O QUOTIDIANO!** — por Xico Mendes

9 **MOZART — CAMINHO PARA A IMORTALIDADE** — por M.ª de Fátima Diniz

12 **MOMENTO DE POESIA** — por M.ª de Fátima Diniz e Armando Lopes

14 **UMA PRIMEIRA VEZ... 1.º DE DEZEMBRO** — por Sidney

15 **CURRICULUM VITAE** do Prof. Fernando J. Azevedo

16 **RESENHA MUITO BREVE DA HISTÓRIA DO O.U.P.**

17 **COMIGO... SEM VÓS** — por Anita

18 **PASSATEMPO**

21 **BREVE APONTAMENTO ACERCA DOS GRUPOS QUE CONSTITUEM O O.U.P.**

24 **SILÊNCIO — VAMOS RIR!**

A Confidente

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM COMPRA, VENDA E HIPOTECA DE PROPRIEDADES E APLICAÇÃO DE CAPITAIS

PORTO e LISBOA

PRÍNCIPE
INSTITUTO DE BELEZA

- CABELEIREIROS
- ESTETICISTA
- PERFUMARIA
- BOUTIQUE
- RAMPA SOLAR
- SAUNA

Rua de Santa Catarina, 165-1.º
Telefones: 29084-30948
P O R T O

Porto Editora, Limitada

Rua da Fábrica, 90
P O R T O

Completo sortido de

LIVROS ESCOLARES, DIDÁCTICOS,
TÉCNICOS, CIENTÍFICOS E LITERÁRIOS

Depósito de material escolar e didáctico

São depositárias das suas edições:

Em COIMBRA

L I V R A R I A A R N A D O , L D A .
Rua João Machado, 9

Em LISBOA

EMP. LITERÁRIA FLUMINENSE, LDA.
Rua S. João de Nepomuceno, 8 A

editorial

Abre-se uma revista. Lê-se uma página, outra e outra. Depois, fecha-se a revista e medita-se. De certo modo já se esboçou uma linha de acção, uma directriz. Directriz essa que pretende amoldar-se a um determinado tipo de leitor e convergir para um determinado tipo de interesses.

Aparece hoje diante dos vossos olhos, uma nova «Orfeão». Foi estruturada, massajada e preparada para vos agradar. É uma revista diferente daquela a que todos estavam habituados e provém de uma vontade de bem servir de todos os elementos que nela trabalharam.

Estamos conscientes da crise que a revista atravessa, especialmente no que diz respeito ao nível de artigos. Mas o nosso trabalho não vem rotulado com promessas e a nossa única pretensão é não termos pretensões.

Aquilo que fizermos pode ser melhor ou pior, pode ser muito ou pouco, pode ser útil ou não, mas será, disso estamos certos, digno.

Queremos também render a nossa homenagem a todos aqueles que nos antecederam na revista e que tornaram possível o nosso trabalho de agora, mantendo-a viva durante todos estes anos. Nós seremos apenas os continuadores desse trabalho, generoso e desinteressado (quantas vezes incompreendido e criticado!), que tem norteado as sucessivas gerências anteriores.

Vamos cometer muitos erros, mas ninguém é perfeito e a nossa tarefa não é fácil. Todas as sugestões e toda a colaboração encontrarão da nossa parte o melhor acolhimento. Queremos que «Orfeão» seja, para além de tudo o mais, a revista de todos nós. Contamos para isso com a vossa compreensão e ajuda, para que a nossa missão se torne mais fácil e nos seja possível cumpri-la a contento de todos.

As páginas brancas dos números que se vão seguir, esperam ser preenchidas pelos vossos artigos.

Que a nossa linha de acção se enquadre no plano do vosso acolhimento.

A revista será aquilo que nós quisermos que ela seja. Estamos convencidos de que se todos quiserem ela pode ser muito, para bem do nosso ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO.

A REDACÇÃO

filosofia do imbecil

Aquele sujeito é um imbecil!...

Quantas vezes já pronunciaste estas palavras, a maior parte delas apoiando o teu julgamento e parecer numa filosofia de grupo, do qual, aquele a quem atiras o «elogio» não faz parte. Mas, já alguma vez pensaste nas razões desse comportamento, dessa imbecilidade como tu um tanto inconscientemente lhe chamas? Sim, é contigo que eu falo! Contigo, que te recostas confortàvelmente nesse assento estofado e que te decidiste, cruzando a perna, a folhear as páginas desta revista, como simples entretenimento de tempo. E, no entanto, paraste aqui nesta página, talvez porque a palavra «imbecil» te chamou a atenção e é sempre tão fácil julgar os outros, quantas das vezes pondo nessa crítica o amargor dos nossos próprios insucessos. Mas paraste precisamente aqui e começaste a ler, talvez sem saber ao certo o motivo porque o fazes. Ainda não desististes, não é verdade? Tens a roer dentro de ti o bichinho da curiosidade, que te impede de ensalivar o indicador e voltar a página. Mas tu continuas, não é assim? Entre duas chupadelas no fumegante rolinho branco que prendes entre os dedos, continuas a conduzir o teu olhar pelos contornos negros das letras impressas. Ah! Esse desejo de chegar ao fim, é superior às tuas forças! E tu, que te consideravas com personalidade suficiente para te contrariares! Mas, uma vez que não desististe, eu continuo! Desculpa-me que, antes disso, te faça um pequeno reparo: Porque finges ainda ignorar a tua participação e continuas a repousar as tuas ideias «burguêsmente», num alheamento total dos acontecimentos? É a ti que eu me dirijo! Sim, a ti!!! Admiras-te? Já sei, que me estás a chamar imbecil e que nasceu em ti um desejo irreprimível de virar a página, talvez até de a romper! Mas não te aconselho a que o faças. Como poderias depois saber a finalidade das minhas palavras e fazer-lhe uma crítica objectiva? Continuas, não é assim? Pois eu vou continuar também! Responde-me uma coisa: Já alguma vez pensaste a sério nos outros? Já alguma vez tentaste resolver os seus problemas ou ajudar a resolvê-los? Já alguma vez, quando te encontravas incluído nesse grupo de crítica ao alheio, tentaste emitir a tua opinião pessoal e sem influências? E, se já o fizeste, reflectiste ao menos um pouco nela e tentaste ser sincero para contigo mesmo? Isto de chamar imbecil a outrém é tão cómodo e, confessa, já te tem resolvido tantos problemas! Ris-te! Sou louco, não é? Ainda te custa a acreditar que sejam para ti as minhas palavras! E, no entanto, continuas a ler! Como te procuras enganar, meu pobre amigo! A ti, que és o melhor amigo que tens, repara bem! Pois bem, estou a chegar agora ao fim do meu objectivo. Sentir-me-ei plenamente satisfeito se te consegui fazer pensar um pouco sobre ti próprio. Se o consegui, talvez aches que não foi tempo perdido nem papel mal gasto! Mas, em caso contrário, chamar-me-ás imbecil (continua a ser tão fácil!) e dirás que não compreendes a utilidade de tanta asneira! A ti, só te quero fazer notar que chegaste ao fim de um artigo que, na tua opinião não tem mais do que imbecilidades! Mas, pelo menos, tu foste até à minha última palavra e não voltaste a página! Talvez agora modifiques um pouco o teu julgamento a respeito dos outros, desses outros a quem chamavas imbecis, lembras-te? Repara que, por alguns momentos, estiveste dentro do papel que eles representam! Estiveste sòzinho perante ti próprio, numa situação a que talvez não estejas habituado e em que o teu julgamento te obrigou a pensar um pouco nos outros! E tudo isso porquê? Simplesmente porque houve alguém que se arriscou a representar esse papel perante ti, com a única finalidade de te mostrar o que não verias por outro processo. A ti... que te julgavas perfeito e impecável!!!

ARMANDO LOPES

Frei Angélico

PEQUENA NOTA BIOGRÁFICA

De uma família abastada de Itália, nasce Guido di Pietro no ano de 1387 em Vicchio di Mugello, a Toscana. O pequeno Guido, à medida que cresce, afirma a sua propensão para a pintura «que ele sabia fazer muito bem desde tenra idade», como disse Giorgio Vasari.

De natureza calma e bondoso, decide entrar com vinte anos apenas, como noviço para o convento dominicano de Fiesole, perto de Florença. No ano seguinte pronuncia os votos sob o nome de Frei Giovanni. Começa então a pintar miniaturas, orientado por um irmão da sua Ordem.

Em 1409, a comunidade dominicana de Fiesole recusa-se a reconhecer Alexandre II, Papa eleito pelo Concílio de Pisa; insurge-se contra o Arcebispo de Florença, e os religiosos são expulsos do seu convento, estabelecendo-se em Foligno.

Frei Giovanni tem então oportunidade de conhecer os frescos de Giotto. Dotado de fé e ardente piedade, de uma conduta e simplicidade que lhe valeu o nome de «Frei Angélico», impregna as suas composições de misticismo e fervor que arde nele.

Da bela região da Umbria com as suas colinas suaves, «o pintor dos anjos» aprende a paisagem ideal dos seus fundos, com arbustos e montes baixos, vendo-se muitas vezes, ao longe, o refulgente lago Trasimeno.

As pinturas de Frei Angélico prendem-nos pelo encanto da cor. Os seus quadros conservam o mesmo brilho e frescura de quando foram pintados, o que nos revela o conhecimento profundo de uma técnica de pintura. Os temas são sempre de ordem religiosa.

Segundo Vasari, «exercitou-se sempre na arte da pintura, mas nunca quis trabalhar noutros assuntos que não fossem os piedosos; foi virtuosíssimo, humaníssimo, sábio e casto, dizendo muitas vezes: «que para cultivar a arte fazia a quietude, e que o pintor de Cristo devia estar sempre com Cristo» — Vasari salienta ainda um pormenor curioso: — Frei Angélico não retocava nunca as suas pinturas.

Isto indica que as conservava em todos os seus pormenores, tal como foram primeiramente pintadas, por crer que «assim tinham sido inspiradas pela vontade de Deus».

Frei Angélico, o pintor místico — nele se conjugam o fervor de um santo, e o génio de um artista!

Em 1414, para fugirem à epidemia da peste que grassava então na Europa, os dominicanos de Fiesole instalam-se em Cortone até 1418, data em que o bispo de Fiesole permite o seu regresso ao velho convento.

Em 1420, Frei Giovanni pinta nas paredes do Convento «Cristo na Cruz entre Maria, S. José e S. Tomás» (actualmente no Museu do Louvre), «A Virgem entre S. Domingos e S. Tomás» (agora em Leninegrado) e «Cristo sobre a Cruz» (ainda visível na sacristia).

Trabalha incessantemente durante quase vinte anos. Alcança grande fama, quer pela graça dos seus anjos, quer pela doçura das suas madonas e piedoso fervor dos seus santos, destacando-se assim, com toda a sua pureza e candura de alma, da multidão de génios do Renascimento, como Brunelleschi, Michelozzo, Donatello, Masaccio, e tantos outros.

Aperfeiçoa a sua técnica sob a influência de Lorenzo Honaco e da escola de Santa Maria dos Anjos, em Florença. Reune ainda em si as duas principais correntes artísticas que dominaram o século XIV, pois que na sua pintura delicada e clara concilia a maneira de Giotto, com a elegância da arte gótica de Simone Martini.

Em 1436, Cosme de Medicis-o-velho, doa aos dominicanos a igreja e o convento de S. Marcos em Florença, que haviam pertencido aos monges da ordem de S. Silvestre. O arquitecto Michelozzo é encarregado de engrandecer estas antigas construções, e Frei Angélico incumbido da ornamentação das paredes, dos claustros e das celas. Vem, então, fixar-se em Florença.

O convento torna-se grandioso na sua extrema simplicidade — as suas paredes brancas são nuas de esculturas. Apesar desta pobreza, é hoje um monumento nacional, um museu, devido à decoração de Frei Angélico,

«A descida da Cruz» (1440) Florença; Museu do Convento de São Marcos.

enquadrando-se cada composição na parede branca com uma simples faixa de cor. Cada cela tem um maravilhoso fresco com uma cena do Evangelho.

Muitas vezes aparece a figura de um santo dominicano que ensinará ao frade — futuro habitante — a resignação e contemplação constante da vida de Cristo.

Na «Anunciação» que figura numa das celas, S. Pedro Mártir surge-nos detrás de uma das colunas, em êxtase, à vista do anjo que fala com a Virgem; ao pé do crucifixo ajoelha-se só, S. Domingos abraçado à Cruz, com o rosto cheio de lágrimas, olhando, mortificado, o corpo de Cristo. É extremamente emocionante esta cena.

Segundo a tradição, Frei Angélico pintava estes episódios, de joelhos.

A família de Medicis protege o artista que, alguns anos mais tarde, executa quase por completo os seis painés representando episódios da vida de Cristo, destinados ao Tabernáculo do Crucifixo da Capela da Madona, na igreja da Santíssima Annunziata.

Normalmente nos seus altares, Frei Angélico desenvolve uma composição grande com inúmeras figuras, que desenha até ao mais ínfimo pormenor, fixando-se nas fisionomias, nos gestos, na cor do vestuário de cada uma, até. No entanto, apesar de tanta soma de minúcias, as suas pinturas são grandiosas, apresentando uma síntese de cor que, porém, se resume numa profusão de luz celestial. Os fundos são também claros, geralmente o céu dourado ou azul, por onde passam nuvens ridentes que formam um extraordinário contraste de realidade.

Frei Giovanni, muitas vezes, adorna os seus quadros com faixas de composições em miniatura, onde se eleva a grande imagem. Ilustra então as cenas da vida da Virgem, ou de Jesus, revelando beleza e amor, repetindo, mas dando algo de si próprio, os temas giottescos que no seu coração reinam.

Frei Angélico pinta com a devoção e o misticismo de quem reza, e procura transmitir às figuras que cria, os seus pensamentos íntimos e a religiosidade que o habita permanentemente. A sua obra é um reflexo da sua vida, o que o coloca entre os beatificados pela Igreja. Mais de uma centena de quadros de Beato Angélico povoam os museus, atestando-nos a sua personalidade inconfundível de pintor sagrado, último representante dos ideais religiosos medievais e talvez o primeiro percursor do Renascimento. Do naturalismo que não desconhece, conserva apenas o que se concilia com a sua piedade profunda — criaturas celestes, adoráveis figuras de cores claras (ouro, azul, branco, numa atmosfera de ternura. Sofre, mais tarde, a influência renascentista da arte em Florença, por intermédio de escultores e arquitectos como Osbiberti, Brunelleschi, Donatello, Michelozzo e Mazaccio—aprende, assim, as exigências da perspectiva, do relevo e da forma. O colorido reduz-se, então, a uma alternância de tons claros e subtis, sàbiamente compostos. As suas composições, de finas personagens, estão iluminadas por uma luz que parece sobrenatural. O «pintor dos anjos» revela um grande avanço sobre todos os pintores giottescos do século anterior; os seus fundos floridos são de uma riqueza extraordinàriamente superior aos abreviados panoramas de Giotto e seus discípulos.

Para Beato Angélico, existe um outro mundo superior, um reino de seres celestes que lhe são familiares.

O piedoso monge atinge o auge do seu génio, dando uma interpretação figurativa, única em toda a histórica da pintura.

O Papa Eugénio IV, durante a sua estada em Florença, testemunha tal admiração pela sua obra, que o faz vir a Roma em 1445 a fim de decorar de frescos a capela do Santo Sacramento. Esta capela é, no século seguinte, destruída por Paulo III, que decide uma total remodelação do Palácio do Vaticano.

Em Maio de 1447, a «ópera del Duomo» de Ocvieto, propõe-lhe a decoração da capela de San Brizio, que não pôde terminar devido à insistência com que o Papa o chama a Roma, tendo sido esta concluída apenas em 1499 por Signorelli.

Entre 1448 e 1450, Frei Angélico volta a Roma para executar os frescos da capela dos Santos Estêvão e Lourenço, no Vaticano, denominado «Nicolina» por ter sido

(cont. na pág. 20)

DUAS CASAS onde tudo o que fabricam e vendem é bom

Confeitaria Primar

FÁBRICA DE CONFEITARIA E CONSERVAS DE FRUTAS
Rua Mártires da Liberdade, 139-145

●

Lanches de alta classe para casamentos e outras festas

Rua do Carmo, 3-4-5 — Telefones: P.P.C. 25858-28458
PORTO

PEDRO A. BAPTISTA

JOALHEIRO - ANTIQUÁRIO

LISBOA
GALERIAS « S T A R »
Avenida Sidónio Pais, 4-A
Av. António A. Aguiar, 1-B
Telef. 539021

ALGARVE
HOTEL ALGARVE
Praia da Rocha
Telefone, 1101 - Portimão

PORTO
Rua das Flores, 235 — Telefone, 25142

«US» DE PETER BROOKS

Podíamos viver juntos e ser pobres e felizes.

Podíamos nós próprios pintar as paredes e fazer a mobília de caixotes.

Podíamos beber vinho barato, comer conservas e ler «Os Irmãos Karamazov».

Podíamos fazer amor três vezes numa noite e comprar um gira-discos e acabar por gostarmos ambos de Mahler.

Até que por um descuido, que não será pròpriamente um descuido, ficarei grávida.

Falaremos disso durante bastante tempo e leremos Simone de Beauvoir.

Casaremos no Registo Civil des-solenizando a cerimónia com «blue-jeans».

Diremos não sentir nenhuma diferença pelo facto de estarmos casados e fingiremos viver em pecado, esquecendo totalmente que quando vivíamos em pecado afirmávamos provocadoramente que não.

Leremos livros de bolso sobre psicologia infantil e daremos ao bébé uma educação progressista e tu arranjarás um emprego pelo qual pedirás desculpa e outro bébé virá e, para evitar sentirmo-nos meramente burgueses, leremos todas as edições da Editorial Olympia e conhecermos pessoas que tomam L. S. D.

Ganharemos mais dinheiro e mudar-nos-emos para uma casa com jardim compraremos um carro utilitário e teremos sérias discussões sobre educação. Substituíremos o gira discos por outro com som esteriofónico e arranjaremos um «au pair».

Possuíremos cinco camas, 20 lençóis, 15 pares de camisas, um frigorífico automático, uma batedeira eléctrica, uma máquina de lavar, um secador, uma máquin Polaroid, dois pares de «skis», 14 escovas variadas, esfregões, baldes e vassouras, 500 caixas, porta-canetas, cinzeiros, adornos, utensílios, brinquedos, aparelhos automáticos, histórias em quadradinhos, novidades cómicas, 900 livros, 40 jardas de carpetes Wilton assentes sobre espuma de borracha e 72 discos, como novos, raramente tocados.

Decidiremos ir ainda mais longe.

Faremos «toilette» para ir ao teatro, escolhendo evidentemente qualquer discutido espectáculo experimental das esquerdas. E quando sairmos do teatro, diremos não exactamente aquilo que de facto sentirmos, mas as adequadas coisas, sensíveis e inteligentes, que os outros disserem. Começaremos a falar só de livros, de filmes e de peças e nunca de nós próprios.

Temeremos palavras como «bom» e «mau»; por isso, quando tivermos dúvidas, chamar-lhe-emos a última coisa «interessante» — para disfarçar a nossa incerteza.

Sentir-nos-emos tão fàcilmente envergonhados por qualquer instinto natural que o poremos entre aspas ou di-lo-emos com voz divertida.

E nas nossas reuniões todos farão o mesmo, assim a vida será perfeitamente agradável, a parte ocasionais exames de consciência, sobre algo como a Rodésia ou o Vietname.

Morrerás antes de mim porque as mulheres vivem mais tempo.

Os filhos pôr-me-ão uma casa ou construir-me-ão um bangalô.

Há uma bonita cidade inglesa junto do mar onde vivem sós muitas pessoas de idade a quem filantropos proveram com assobios e pequenos cartões onde se lê «socorro». Quando sentem a morte chegar pretende-se que façam soar o assobio e ponham o cartão na janela.

Texto de Dennis Cannon, dito pela actriz *Glenda Jackson*. Publicado em «The Observer» em 23/10/67

Armazéns Patrício

Sedas . Lanifícios . Tecidos de algodão
Camisaria . Malhas
CONFECÇÕES

•

Praça Carlos Alberto, 37 Telefone, 22872
PORTO

ESPELHO DA MODA
Desde 1900

MEIAS
PRONTO A VESTIR

•

Rua dos Clérigos, 54
PORTO

Observando o quotidiano!

No findar de uma manhã citadina o engraxador mirava sapatos que passavam rápidos ao ritmo de pés que já não sabem passear. O modesto visitante domingueiro hesita e resolve-se por uma engraxadela que lhe tornará mais «segura» a visita a este mundo a que não está habituado. Acaricia hesitante as parcas moedas que lhe roçam a perna no bolso das calças poídas. Num perguntar respeitoso solicita o preço dum engraxar apressado que lhe transformou os pés em verniz discordante com a pobreza do traje. E levemente desconcertado passou ao engraxador duas moedas de vinte e cinco tostões que satisfaziam ao certo o preço pedido.

— O engraxador afadiga-se. O lustro aparece ao som de cada estalido que o pano vai fazendo soar batendo brusco e servil no caríssimo sapato do Sr. Doutor».

Após umas últimas e já desnecessárias passagens responde à pergunta breve:

«São três escudos Sr. Doutor.

Muito Boa Tarde Sr. Doutor!»

●

A voz dentífrica do locutor dá-me a conhecer que abriu falência determinada fábrica conserveira e que estão a ser estudadas soluções para obviar ao súbito desemprego em que se encontram 300 operários que desde há anos trabalhavam na citada fábrica.

Ao mesmo tempo que leio:

«Vida Elegante»

Por ocasião do aniversário da sua ilustríssima esposa que amanhã se comemora, o Sr..... conhecido industrial de conservas oferece um «party elegante» a 300 pessoas da nossa melhor sociedade.

●

A chuva caía espaçada e teimosa por entre os corpos «engabardinados» que faziam bicha friorenta na paragem do eléctrico. Uma velhota miuda e curvada por dentro dum xaile que havia sido macio e preto procura enxergar o eléctrico que já se vê na curva próxima;

— O Sr. diz-me é o 24? É?

O 24 pára e logo a bicha se torna em bola humana que se vai espremendo por entre a estreita entrada da porta de trás ao ritmo do empurrão comunitário e imperativo. O eléctrico retoma a marcha e ainda a porta não mastigou toda a carne humana.

Na berma da estrada a velhota furta o contacto do guarda-chuva e saco remendado, enquanto a boca já nem se abre cansada dos inúteis lamentos a que se habituara durante os últimos longos anos.

XICO MENDES

MOZART caminho para a imortalidade

Wolfgang Amadeu Mozart nasceu a 27 de Janeiro de 1756, em Salzburgo, na Áustria. Seu pai, Leopoldo Mozart, ocupava o lugar de segundo mestre de capela na Corte do Príncipe-Arcebispo daquela cidade. Wolfgang, com apenas três anos de idade, revelava já grandes aptidões musicais — a sua verdadeira felicidade consistia em assistir atentamente às lições dadas a sua irmã mais velha, Maria Anna Mozart, e seguidamente procurar terceiras no piano, subindo a sua alegria de ponto quando encontrava o harmonioso acorde. Aos quatro anos, não só era já um «virtuose» cheio de gosto, como também se divertia a compôr minuetes, que ainda se conservam. A educação aperfeiçoou e completou o que a Natureza tão pròdigamente iniciara. Seu pai, artista distinto, dedicou-se inteiramente à educação dos filhos, sendo largamente recompensado, uma vez que Maria Anna se fez uma artista notável, e Wolfgang se tornou no divino e imortal Mozart.

Dotado de uma grande actividade de espírito, votava-a toda ao estudo. Quando aprendeu os primeiros elementos de matemática, apaixonou-se tanto por esta ciência, que enchia de algarismos e letras as mesas, cadeiras, paredes e... até o tecto do quarto! Mozart voltou cedo ao objecto da sua primeira predilecção. Para ele, não havia dificuldades. O pai surpreendeu-o um dia escrevendo um concerto para piano, e ficou pasmado vendo que a composição obedecia a todas as regras, não obstante ser impossível de executar.

Em 1762, Leopoldo Mozart, desejoso de mostrar o talento do filho, passou-se a Munique e a Viena. Esta viagem foi uma ovação para o «virtuose», que então contava seis anos, e que fazia perdoar a sua superioridade à força de graça e de criancice. O Imperador Francisco I, depois de o ter admirado, pediu-lhe por gracejo, que tocasse, com um dedo só, num cravo cujo teclado estava coberto com um pano. O pequeno tomou o dito a sério e saiu-se brilhantemente da surpresa.

Vestido com um fato roxo bordado de ouro, que fôra encomendado para o arquiduque Maximiliano, também criança, Mozart fazia as delícias de Maria Teresa e suas filhas. Em tudo manifestava a alma bondosa e meiga que transparece no «andante» das suas sonatas e sinfonias.

Terminada a guerra dos Sete Anos, as povoações germânicas livres de preocupações belicosas, entregavam-se novamente ao seu gosto secular pelas recreações artísticas. Munique, Ausburgo, Colónia, festejaram o talentoso Mozart que, em companhia de seu pai, chegou a Bruxelas mais rico de presentes que de dinheiro.

Chegando a Paris em 1763, foi apresentado na alta sociedade pelo célebre barão Grimm. Podemos ver quão amimado foi na corte francesa, pelos seguintes passos de uma carta de Leopoldo Mozart: «... é fácil imaginar o espanto de toda a gente ao ver parar as filhas do rei, logo que encontram os meus filhos, aproximando-se deles, animando-os, abraçando-os milhões de vezes. Na grande ceia que houve no dia de Ano Bom, não só tivemos lugar junto da mesa Real, mas o Senhor «Wolfgangus» conservou-se sempre junto da Rainha, falou-lhe constantemente, beijou-lhe muitas vezes as mãos e comeu ao lado dela as iguarias que Sua Majestade se dignava mandar servir-lhe».

Em Londres recebeu a família Mozart o mesmo acolhimento. A Corte estava encantada com uma criança de oito anos que já executava no órgão, à primeira vista, trechos de Bach e Häendel. O Rei Jorge III testemunhou a sua admiração, com a dádiva de vinte e quatro guinéus.

Decorridos três anos de ausência, os viajantes regressaram a Salzburgo, por Paris, Lião, Suíça e Munique. Então Mozart, que continuara a instruir-se durante a sua longa viagem, recomeçou o estudo da composição sob a direcção de seu pai. Sucedeu, porém, que entre os seus concidadãos não eram vistas com bons olhos as simpatias que o jovem artista grangeara por toda a parte. Por esse motivo, Leopoldo Mozart passou-se a Viena em 1767 com toda a família, e chegou exactamente quando grassava uma epidemia de varicela, de que fora vítima a arquiduquesa Josefa. Não era ocasião propícia para distracções; a Corte estava de luto. O pai inquietava-se por causa dos filhos, e refugiou-se em Olmutz. Mas, o flagelo perseguiu-o, e Wolfgang adoeceu gravemente. Com a ajuda do Conde Podstatsky, deão da catedral, Leopoldo pôde enfrentar a situação, dado que aquele os recebeu em sua casa. Wolfgang escapou e, depois de completamente restabelecido, voltou para Viena, sendo apresentado ao Imperador José III e à Imperatiz, que se entusiasmaram ouvindo-o. O Monarca mostrou desejos de que Mozart compusesse uma ópera, e ele escreveu uma partitura cujo assunto era a «*Finta Semplice*». A esse mesmo ano pertence a pequena ópera «*Sebastião e Sebastiana*» que fez representar na casa de campo do doutor Mesmer.

Mozart passou o ano de 1769 a estudar italiano e, no mês de Dezembro empreendeu, com seu pai, uma viagem à península. Em Verona e Mântua, sob o nome de «Signor Amadeo», realizou concertos em que maravilhou o público pelos seus prodígios de improvisação; teve um contrato para escrever uma ópera que seria cantada na cidade de Milão, no Carnaval de 1771; em Bolonha foi vivamente felicitado pelo célebre Martini, director do Conservatório.

Voltando a Milão em 1770, escreveu o seu «Milthridates», que teve enorme êxito em vinte e duas representações consecutivas. Mas o infatigável músico trabalhava, sem que mudasse de circunstâncias pecuniárias. De-

balde esperou obter o lugar de mestre de capela do Príncipe-Arcebispo de Salzburgo; debalde esperou que o Eleitor de Baviera lhe concedesse quinhentos florins anuais para escrever, anualmente quatro óperas e figurar nos concertos da Corte. Apesar da modéstia destas propostas, o Príncipe não o admitiu ao seu serviço. Igual sorte o perseguiu em Ausburgo e Manheim, para onde foi depois de sair de Munique, mais pobre do que viera. Contrariado e descontente, Mozart foi outra vez para Paris, em companhia de sua mãe, uma vez que o pai tinha em Salzburgo as obrigações do seu cargo.

À medida que se vai lendo a biografia do maior músico do século XVIII, mais nos surpreendem os obstáculos que se lhe deparam, os esforços infrutíferos em que se consome. Nenhum banqueiro de França dispensou ao pobre Mozart o mais pequeno auxílio; e ele, vegetava obscuramente no meio das tristezas e decepções que todos os dias se avolumavam até que uma desventura enorme o feriu — a morte da mãe, que Mozart amava profundamente! Depois desse terrível golpe, Wolfgang abandonou Paris, que se lhe tornara insuportável, e voltou para Salzburgo, onde, por necessidade, aceitou o lugar de organista da corte em 1779. A sua carreira, tão brilhantemente iniciada, ameaçava acabar no desempenho de funções quase tão humildes como as de um criado. Mas a recompensa, posto que tardia, chegou finalmente! No mês de Novembro de 1789, Mozart foi chamado a Munique pelo Príncipe Eleitor de Baviera, Carlos Teodoro, para compor a ópera «Idomeneu». Alcançou uma licença de seis semanas e, graças à sua prodigiosa facilidade, pôde fazer ensaiar os dois primeiros actos no 1.º de Dezembro seguinte. A 29 de Janeiro de 1785, a obra foi representada e despertou o entusiasmo do público pelas extraordinárias belezas, que a esmaltavam. Desde então Mozart conquistou o primado da celebridade, e só podia ser excedido por si mesmo.

O Arcebispo de Salzburgo gostava de mostrar que o famoso compositor estava ao seu serviço. Veio a Viena acompanhado pelo seu organista, que hospedou em sua casa. «O Arcebispo — escrevia ele ao pai — não quer que os do seu séquito ganhem dinheiro». Mozart sujeitava-se a tudo, com receio de comprometer a posição do pai. Um dia, porém, chegaram as coisas a tal ponto, que ele ousou queixar-se, obtendo a seguinte resposta: «Se lhe não convém, vá-se embora». O artista pediu a demissão, então.

Porém, era necessário viver! As lições pouco produziam, e o jóvem músico escrevera, em 1778, estas linhas que denotam a legítima confiança no seu génio: «Eu sou compositor: nasci para ser mestre de capela, o que me seria impossível se me ocupasse muito com discípulos; não posso enterrar o talento que Deus me concedeu com tanta liberalidade». Voltou-se pois, ao teatro; mas o Imperador José II só apreciava música italiana. O «Rapto no Serralho» representado em Viena em 1782, foi recebido friamente. O próprio monarca disse-lhe, depois da representação: «Isto é erudito de mais para os meus ouvidos; acho uma quantidade excessiva de notas!» Ao que Mozart respondeu com altivez: «Senhor, há tantas notas quantas são precisas». Dando o devido desconto à parcialidade do real crítico temos que confessar que «O Rapto no Serralho» ainda não revela a arte e a perfeição que caracterizam o «D. João» e a «Flauta Mágica».

Durante a sua estada em Manheim, Mozart galanteara uma formosa cantora Aloísia Weber, cuja recordação nunca se lhe apagou do espírito. Regressando de Paris, veio a Munique, onde se encontrava Aloísia, com o propósito de a pedir em casamento, fiado no modo por que sempre fora recebido por ela e pela família. Aloísia, porém, quebrou-lhe, impiedosamente as ilusões, dizendo sem delongas nem rodeios, que por nenhuma forma casaria com ele. A «simpática» «virtuose» não descobriu que aquele rapaz magro, de nariz comprido, olhos grandes, cabeça pequena, era um espírito de eleição! Mozart consagrou o seu amor não correspondido, a Constança Weber, irmã de Aloísia, e casou a 4 de Agosto de 1782. Continuou sempre a lutar com necessidades económicas e, na realidade, faz-nos pasmar como é que a adversidade não matou a arte, a inspiração do maestro, antes a aumentando de ano para ano!

O «Davidde Penitente», oratória de inúmeras belezas, apareceu em 1783. Seguiram-se (1784-1785) os seis quartetos dedicados a Haydn. Leopoldo Mozart, estando em Viena em Fevereiro de 1785, pediu ao grande sinfonista que lhe dissesse com franqueza o que pensava do filho. «Declaro-lhe perante Deus, e como homem de bem, respondeu o autor da «Criação», que tenho seu filho na conta do maior compositor, em que tenho ouvido falar. Escreve com aprimorado gosto, e tem profundos conhecimentos de composição».

Em 1786 representou-se no palácio imperial de Schöenbrunn o «Emprezário», opera interpretada por mademoiselle Cavaglieri e Aloísia Weber, então Madame Lange. Nesse ano de 1786, atinge Mozart o ponto culminante do seu desenvolvimento artístico. As «Bodas de Fígaro» inauguraram a série das suas obras-primas. Salieri, mestre de capela de José II, compreendendo que tinha no jovem Wolfgang um rival muito para temer, empregou toda a sua influência contra ele; mas o Imperador, apesar da sua predilecção pela música italiana, deu por essa ocasião uma prova de equidade e tolerância, protegendo Mozart contra os ataques dos seus inimigos.

A obra representada em Viena, a 8 de Abril de 1786, não obteve na primeira récita o enorme êxito, que alcançou em Praga no ano seguinte.

Os habitantes de Praga mostraram-se mais justos apreciadores do talento de Mozart do que o público vienense; e foi aos admiradores das «Bodas de Fígaro» que o compositor ofereceu a sua obra mais perfeita — «Dom João», ópera em dois actos, palavras de Da Ponte, que foi representada a 4 de Novembro de 1787.

Nenhum génio mais opulento foi jamais inspirado por assunto mais feliz; a ciência musical posta ao serviço da expressão dramática jamais produziu obra mais bela e acabada. Os sentimentos mais diversos com todas as suas finuras e modalidades são expressos numa linguagem de incomparável harmonia.

O «Dom João» causou em Praga verdadeiro delírio,

mas uma interpretação medíocre e o mau gosto do público fizeram com que em Viena lhe preferissem o «Axur» de Salieri. Haydn foi quase o único homem, que lhe compreendeu as belezas. Numa reunião de pretensos amadores perguntaram a sua opinião. Haydn respondeu: «o que posso dizer e afirmar é que Mozart é o maior compositor da nossa época».

O velho mestre da capela de Salzburgo não viveu bastante para aplaudir a sublime partitura. Morreu a 28 de Maio de 1787. Entre a morte do pai e do filho medeou apenas o espaço de quatro anos. Quando se considera no que foi Leopoldo Mozart para seu filho desde os mais verdes anos, primeiro, vigilante e dedicado aos deveres paternais, depois, o mestre inteligente da talentosa criança, o seu guia, o seu confidente, provendo com infatigável solicitude ao desenvolvimento das suas faculdades físicas, morais e intelectuais, não o abandonando nunca; quando se medita na correspondência incessante entre pai e filho, na comunicação frequente das suas impressões e pensamentos, parece que entre aquelas duas almas reinava uma união tão perfeita, que à existência de um estava ligada a do outro.

Alguns meses depois de perder o pai, Mozart dedicou-se novamente ao trabalho, mas tinha a saúde profundamente deteriorada. Sentia já os primeiros rebates de uma afecção pulmonar, que lhe dissipava toda a alegria, povoando-lhe a alma de impressões melancólicas. O prisma dourado da juventude e da glória, desaparecia ao contacto das realidades pungentes da vida. O autor de «Dom João» tinha em assuntos de interesse, a inexperiência incurável das almas privilegiadas. As repetidas doenças da esposa e a sua numerosa família exigiam despesas superiores às suas posses, e ei-lo muita vez obrigado a pedir emprestado...

Os músicos pouco lucro tiravam das suas obras; e as três últimas grandes sinfonias de Mozart grangearam-lhe mais honra do que dinheiro. No ano seguinte, além de grande número de peças instrumentais, escreveu a partitura de «Cosi Fan Tutte» (assim fazem todos) ópera em dois actos que foi representada em Viena com brilhante êxito, a 26 de Janeiro de 1790.

Torturado pela ideia de um fim próximo, ideia mais horrível ainda pelo receio de deixar incompleto o monumento do seu génio, o desventurado compositor trabalhava com uma sofreguidão que lhe exauria as forças, sem prestar ouvidos aos conselhos e súplicas da mulher e dos amigos.

Sob o domínio destas tristes preocupações escreveu em 1791 a «Flauta Mágica» por pedido do empresário Schikaneder.

Condoendo-se mais com a desgraça alheia que da própria, Mozart entregou a partitura sem a mínima remuneração, ficando, todavia, com o direito de vendê-la para outros teatros. A «Flauta Mágica» representou-se em Viena, a 30 de Setembro de 1791, e teve cento e vinte récitas consecutivas; mas Schikaneder faltando ao compromisso, deu cópias a todos os teatros. Mozart apenas disse: «Patife!» Era seu destino ser explorado por toda a gente, com quem tivesse negócios!

Sob o ponto de vista do estilo, da limpidez do pensamento, a «Flauta Mágica» é a partitura mais maravilhosamente escrita que saiu da pena do compositor. Quem ouve a orquestração, cuida ouvir a última palavra da perfeição instrumental.

Uma circunstância misteriosa contribuiu nessa mesma época, para fortificar os pensamentos lúgubres de Mozart. Apresentou-se-lhe um homem vestido de cinzento e, sem dizer quem o enviara, pediu a Mozart que compusesse uma missa de defuntos, pagando-lhe antecipadamente cem ducados. A obra devia estar concluída dentro de um mês; mas, nesse intervalo, o artista foi chamado a Praga, para escrever a ópera «Clemência de Tito», liberto de Mettastasio, com a qual os Estados da Boémia queriam solenizar a coroação de Leopoldo II. Quando Mozart ia a entrar na carruagem, apresentou-se outra vez o desconhecido, perguntando se estava terminado o «Requiem». Soube-se depois, que o misterioso personagem era Leitgeb, criado do Conde Walsegg.

O Conde enviuvara e queria enfeitar-se com as glórias do trabalho que encomendara a Mozart para as exéquias da condessa! Eis o motivo de tanto segredo que, como se vê, é o que há de menos sobrenatural!... Mas, o autor de «Dom João», assaltado constantemente pela ideia da morte, temia que Leitgeb fosse um mensageiro do destino, e que a missa de defuntos servisse para ele, compositor.

A «Clemência de Tito», ópera séria em dois actos, representada em Praga no dia 6 de Setembro de 1791, não alcançou a lisonjeira aceitação que foi concedida às «Bodas de Fígaro» e ao «Dom João».

Mozart tinha — por assim dizer — habituado mal o público; oferecendo-lhe todos os requintes do gosto, e todas as galas da inspiração, apresentando-lhe só belezas de uma ordem superior, tornou-se exigente e desdenhoso do que não era sublime, donde resultou que passaram despercebidos, ou foram injustamente apreciados os encantos, a suavidade e a pureza daquela partitura. Mozart ficou muito desgostoso com o facto, o que contribuiu para que a fama alcançada poucos dias depois pela «Flauta Mágica» não tivesse poder bastante para lhe dissipar a mágoa.

(cont. na pág. 20)

PAPELARIA **AVIZ** LIVRARIA
de
MANUEL CAMANHO

MATERIAL ESCOLAR . ARTIGOS DE ESCRITÓRIO
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS E DE ENCADERNAÇÃO

Rua de Aviz, 10 Rua da Fábrica, 68
Telefs. 26212 e 33056 — Telegramas: «AVIZ» — **PORTO**

momento

ESCRAVIDÃO

Nós não temos o direito de cantar
meu amor,
enquanto a humanidade
viver neste caos, neste inferno,
e enquanto houver bocas a clamar
pelo que não é eterno.
Nós não temos o direito de cantar
meu amor,
enquanto aspirarmos este cheiro quente
do bafo de fome que a humanidade expele
e enquanto sentirmos o desejo ardente
da inveja e da avareza em nossa pele.
Nós não temos o direito de cantar
meu amor,
enquanto as prisões estiverem cheias,
e houver crianças a pedir esmola
de pé descalço e caras feias,
e mulheres sujas de vício
nos portais da tentação e do suplício.
Cantar o quê?
Esta imensidão de nada
que paira à nossa volta,
este morrer vivo
que ascende da lassidão dos corpos,
esta sede de carne e sexo
que nos faz espumar a boca de ânsia!?
Não meu amor,
Nós não temos o direito de cantar!
nós não temos o direito de gritar
a tudo e a todos a nossa felicidade
e o nosso desejo de um amor
puro e profundo,
enquanto a humanidade
viver assim no mundo,
nesta ausência de escutar
a voz da realidade!
Nós não temos o direito de cantar
meu amor,
o nosso amor leal e humano,
enquanto a humanidade viver escravizada
por este social engano!...
Conservemos no silêncio as nossas bocas,
Sedentas de o gritar ao mundo inteiro,
e vivamos nosso amor
nas horas poucas
em que se pode ser humano e verdadeiro!

ARMANDO LOPES

ESPERANÇA

Como a flor que se colhe
E com o tempo murcha,
A esperança que em nós nasce
Acaba por morrer desenganada...
E pensar que depois,
Quando na vida a flor dos anos
Tiver sua existência terminada,
Só podemos contar com essa esperança,
Com essa morta esperança
E mais nada!...

ARMANDO LOPES

de poesia

Quero parar
a Terra,
para abraçar
o Sol...
Tornar azul
um céu de tempestade...
agarrar a Lua
que se esconde
nas nuvens...
ser poesia,
chuva,
e vento...
ser rio,
mar,
e amor...
ser flor,
árvore,
e mundo...
Mas...
apenas sou
estas mãos vazias
de infinito...

MARIA DE FÁTIMA DINIZ

Ontem
possuí a poesia
tomei-a
em meus braços
de vento
e fui
feliz!

Hoje...
É esta paz
verde
que me invade,
e sufoca
...prenunciando tempestade
de incerteza...
É esta mão
fria
cruzando mares
revoltos,
envoltos
na neblina...
É tudo isto
possuindo-me
em seus braços
de ferro,
como eu possuí
ontem,
a poesia
em meus braços
de vento...

MARIA DE FÁTIMA DINIZ

uma primeira vez... 1.º de Dezembro

A necessidade de melhores conhecimentos, informações verdadeiras e recentes à cerca da Terra-Mãe-Filha distante, fez com que; estudantes, professores funcionários e amigos, todos irmanados em um só ideal se sentassem pela primeira vez ao redor da Mesa-Comum e realizassem no Hospital Escolar São João a Primeira Reunião de Confraternização LUSO-BRASILEIRA.

Contando com a presença de mais de cem pessoas esta, efectuada no passado Dezembro, versou sobre temas Brasilinos os quais foram mestralmente abordados pelo não menos Prof. ABEL TAVARES Sub-Director daquele estabelecimento de ensino e pelo estudante brasileiro FRANCISCO OLIVEIRA Presidente da Associação Luso-Brasileira de Estudantes de Medicina do Porto.

Depois do «Bate-Papo» informal efectuado no Anfiteatro de Anatomia, seguimos todos com destino ao Bar da faculdade onde foi servido um almoço caseiro, havendo nessa ocasião troca de impressões à cerca da «primeira vez». Terminada a comelança e ao acompanhamento de uma excelente artista portuguesa a garota Teresa Bernardo foram cantadas canções os dois lados que culminaram eufòricamente com a execução dos Hinos Pátrios.

Foram vividos nesse dia momentos de grande emoção e saudade. Em nome da turma brasileira falou o estudante Fonseca Barros agradecendo a presença de todos e formulando o convite para nos reunirmos no próximo primeiro de Dezembro.

Pelo companheiro Barros de Brito foi salientada a necessidade da criação da Casa do Estudante Luso-Brasileiro para nossos companheiros de Terras longínquas do Porto e também nossos patrícios que vivem distantes de tudo e todos.

Lugar comum de aconchego e carinho.

Todos que estiveram presentes no primeiro de Dezembro jamais esquecerão os momentos fraternais ali vividos, esperamos pois que este dia glorioso para Portugal e querido por todos nós seja comemorado «até o sempre» como o Dia do Estudante Luso-Brasileiro e que em futuro bem próximo possamos nós de outro lado da Terra Azul-Anil lembrarmos com orgulho do que semeamos em terra Lusa.

Salve 1.º de Dezembro Dia do Estudante Luso-Brasileiro.

SIDNEY

o café da gente
o café da gente
a gente briga por causa do café da gente

curriculum vitae

do Prof. Fernando Jorge Azevedo

REGENTE ARTISTICO DO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

Começou a estudar piano aos 8 anos. Em 1952 terminou o Curso Superior de Piano no Conservatório de Música do Porto, na Classe da Prof.ª Helena Moreira de Sá e Costa, obtendo a classificação de 19 valores. Decide depois abandonar o Curso de Engenharia que frequentava na Universidade do Porto para se dedicar inteiramente à música, continuando a trabalhar com Helena Costa de quem se conservou um dos mais fiéis discípulos.

Em 1960, em consequência do Concurso de Provas Públicas, é nomeado Professor do Curso Superior de Piano do Conservatório de Música do Porto.

Além da sua actividade pedagógica, as suas actuações pianísticas estendem-se por Recitais a solo e como acompanhador em grande parte das principais Cidades da Metrópole, Açores, Angola e Moçambique, bem como na Espanha e na Suíça em colaboração com o Círculo de Cultura Musical, Pró-Arte, Juventude Musical Portuguesa, Institutos Britânico, Alemão e Italiano, Conservatórios, Rádio, Centros Universitários, Festivais de Música Portuguesa de Matosinhos, etc. Como solista com Orquestra, colaborou com os Maestros François Broos, Costa Santos, Ino Savini, Silva Pereira e Kurt Redel.

Em Dezembro de 1969 foi nomeado Regente do O. U. P., tendo este alcançado já inúmeros êxitos sob a sua regência.

teia

• ENXOVAIS
• BAPTIZADOS
• COMUNHÕES
• NOIVADOS

61 CLÉRIGOS — TELEFONE 32712
PORTO

Resenha muito breve da história do Orfeão Universitário do Porto

● **1912/13 — CRIAÇÃO DO ORFEÃO ACADÉMICO DO PORTO E DA TUNA ACADÉMICA DO PORTO**

Em 1912, um grupo de estudantes entusiastas, cônscios da necessidade de completar a acção formativa que deve ter uma Universidade, fundou o Orfeão Académico do Porto, tendo em vista não só meritórios objectivos artísticos, mas também a certeza de que ele seria uma importante e permanente força de aproximação entre os estudantes das várias Escolas da Academia Portuense.

● **1937 — REAPARIÇÃO DO ORFEÃO E DA TUNA**

Sujeito a certas intermitências na sua actividade, só a partir de 1937 foi possível iniciar uma existência constante. Este ressurgimento está intimamente ligado às comemorações do 1.º Centenário da Academia Politécnica e Escola Médico-Cirúrgica do Porto, realizadas em Abril do mesmo ano, nas quais este Orfeão teve actuação de relevo. Da reorganização resultou o 1.º Coral Universitário que, no País, apresentou naipes femininos. Interessante notar que foi no O. U. P. que, pela primeira vez, as raparigas universitárias envergaram o trajo académico hoje usado também em Lisboa e Coimbra. É nesta altura que este agrupamento nos aparece tal como é hoje.

● **NOMES QUE MARCARAM A HISTÓRIA DO O. U. P.**

Muito deve o Orfeão Universitário às figuras inesquecíveis dos seus dirigentes artísticos, entre eles Futuro Barroso, Clemente Ramos, Fernando Moutinho, Maestro Afonso Valentim, Maestro Gunther Arglebe, que hoje vivem na saudade de quantos os conheceram.

● **DISTINÇÕES CONCEDIDAS AO ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO**

À ideia de criar o gosto pela música e levar a todos a educação musical — aos que cantam e aos que ouvem — acrescentaram-se, com o andar dos anos, novas finalidades. Ao aspecto beneficente é dispensada particular atenção, quer através de um fundo de auxílio e camaradagem, o Fundo Modesto Osório, destinado a auxiliar estudantes necessitados mediante a concessão de bolsas de estudo, empréstimos e todo o apoio possível, assim chamado em homenagem ao antigo Tuno e Orfeonista, quer através de espectáculos cujas receitas são entregues a obras de beneficência.

No campo cultural, tem o Orfeão Universitário do Porto realizado, apesar das suas parcas possibilidades financeiras, numerosos concertos de música gravada, sessões de cinema cultural, exposições, espectáculos em colaboração com organismos congéneres estrangeiros, etc.

Em sinal de reconhecimento pelas suas actividades, foi-lhe concedido em 1950 a Medalha de Ouro de Mérito Artístico da Cidade do Porto; em 1952 foi agraciado por Sua Excelência o Presidente da República, Senhor Marechal Craveiro Lopes, com a Comenda da Ordem de Instrução Pública; em 1956 foi nomeado Sócio Honorário da Casa do Distrito do Porto de Luanda; em 1960 foi-lhe conferido o Grau de Comendador da Ordem de Benemerência; em 1961 foi nomeado Sócio Honorário do Orfeão Portugal no Rio de Janeiro e, posteriormente, obteve ainda as seguintes distinções, dentre outras; Medalha de Reconhecimento dos Bombeiros Voluntários Portuenses; Ordem de Mérito Infante D. Henrique da Casa de Portugal de S. Paulo; Medalha de Gratidão da Casa do Porto no Rio de Janeiro; Sócio Honorário do Sport Clube Português, Newark, U. S. A.; Membro Benemérito da Portuguese American Schoolarship Foundation de Newark; Sócio Honorário da Tertullians de Newark; Sócio Honorário da Academia Musical de Angra do Heroísmo.

● **DAS DESLOCAÇÕES DO O. U. P.**

Não se tem limitado ao Continente a sua actuação. Visitou em 1956 e 1962 a Província de Angola; em 1959 Moçambique e por várias vezes a vizinha Espanha, tendo actuado em Madrid, Barcelona, Sevilha, Santiago de Compostela, la Coruña, Orense, etc. Em 1965 visitou o Brasil; em 1967 a França; em 1968 os Estados Unidos da América do Norte; em 1969 Moçambique, África do Sul e Angola (Luanda); em 1970 as ilhas dos Açores e Madeira e em 1971 de novo Angola.

comigo... sem vós

Há já muito tempo que aprendi de cor as pedras do caminho, e vou, com o meu cabelo comprido, que não podes ver agora, João, ouvir o cantar da chuva nas montras de modas.

Corríamos a tarde pelos dentes, desfiávamos os sonhos como gotas de orvalho. Contigo aprendi a trepar às árvores, como um rato, a limpar com o bibe sujo o sangue dos joelhos.

Engolíamos o sol todas as manhãs, e quase esquecíamas quem éramos. Mas saboreei várias vezes a tua dor, acreditas, irmão?

Contigo, Isabel, as manhãs passavam rápidas, sem nuvens nem fogo. E era «giro». Como tu «estavas farta desta droga». Comprávamos o jornal, não víamos os cabeçários, e perdias-te nas palavras cruzadas. Cruzadas. Como nós. Como tu. Eras uma interrogação constante, e as perguntas desfaziam-se nas bicas, como açúcar. Por vezes ficávamos a remexê-las muito tempo, com a colher. Mas quando tentava agarrar-te, fugias. E entregavas-te sem medo, quando te rejeitava. Na minha frente, dançavas o som de um sonho, rojávas-te no chão como uma dádiva, para logo te ergueres com orgulho e altivez. Cantávamos alto o «Fui moço, fui rapaz...». Ontem. Hoje comparo-te a uma flor de vento. No fumo dos teus Kent estava a angústia de um caminho por traçar, mas uma cadeira carregada de livros, confirmava a certeza. Estava contigo.

Eras o «aviador-Fernando-dos-olhos-brilhantes», e uma criança ainda mal aceite. Recusada, como tu. Vivíamos um desgosto comum, embora nunca falássemos disso. Eu sabia-o. A dura sensação de ser flor numa sanzala queimada. A dura sensação de um cacto a estiolar no deserto. Quando te falava de ternura, rias. E no entanto os teus olhos eram uma febre de carinho por realizar. Hoje, onde quer que estejas, no ar das montanhas, ou a abarrotar de enjôo no fumo dum café, nada mais te posso dizer a não ser que te recordo. Como um irmão. Que sejas feliz. Que o teu caminho seja límpido, e a tua recusa a certeza de estares vivo e de lutares. Eu fico.

Tu, Nalda, eras a mensagem de uma ternura encontrada. A tua voz sabia a um prelúdio de Chopin, tinha a doce sensação de uma balada triste. Sòzinha. Sempre te vi assim. E a mim mesmo pergunto porquê. Com um afago dizias-me boa-noite. E muitas vezes, acredita, pensei o que fazer, o que fazias dessas noites mortas. De manhã, era eu que te acordava, a sorrir. Preguiçosa. E corríamos para a faculdade, os livros apertados nas mãos. Tu gostavas de água, e ias a cantar o poema da vida. Quando à noite te olhava, Nalda, gostaria de dizer-te o meu carinho. Ainda hoje ele está fechado. Talvez um dia te possa afagar assim. Espero.

Contigo tudo era novo, renovado, Lena, companheira dos meus sonhos de quinze anos, amiga da bola, das corridas de bicicleta e dos devaneios sem motivo. Sempre tiveste o sabor de uma decisão consumada, de um garoto resoluto. Eras tu nos recreios do liceu e nas lições por estudar. Eras tu, nós, hoje, a correr pela tarde azul, por entre as casas, como se fôssemos garotas com aulas para faltar. Eras tu, Lena, no nosso passado comum. Hoje tomáste uma decisão. Como mulher arrostáste a vida nos ombros, e nos olhos, feitos lágrimas, duas rosas de amor. Como mãe, alguém caminha contigo. Que continues a correr com ele, o ensines a saltar, e a amar a vida, como fizeste ontem, como hoje.

E para ti, Zé, nada mais que o meu OBRIGADA. Caminho contigo. Vamos de mãos dadas, ao nosso lado a esperança e os sonhos. A minha certeza.

Hoje, sem eles, mas contigo.

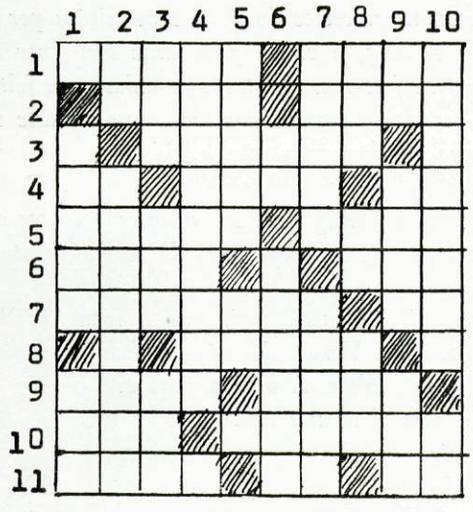
Para ti.

ANITA

passatempo

palavras a 90 graus

Problema 1/72



HORIZONTAIS:

1 — Esturro; povo
2 — Vasilha (inv.º); pau (inv.º)
3 — Limpara os metais
4 — Adv.º lugar (inv.º); raia; cobre [s. q. (inv.º)]
5 — Dança popular; nome de Santa
6 — Espaço de tempo; nota musical
7 — Ajeita; cálcio (s. q.)
8 — Prende
9 — Cama para transportar doentes; golo
10 — Passada; nome de rei português
11 — País da Ásia; casado de fresco; ditongo nasal.

VERTICAIS:

1 — molho; muitos
2 — meio ió-ió; osculada
3 — Sociedade Protectora dos Animais (abrev.); sapo; amigo
4 — Pestaneja
5 — Age; sufixo
6 — Grito de espetadela; capelas
7 — Nome de peixe; ora
8 — Etiqueta de discos; vogal (pl.); árvore donde se extrai a casca para aromatizar o vinho
9 — Ena (ant.); marca de stand de automóveis; mentira
10 — Ilha do mediterrâneo; pianista (inv.º); Único

pensamentos

A ausência diminui as paixões medíocres e aumenta as grandes, como o vento apaga as velas e atiça as fogueiras.

●

Se choras por teres perdido o sol, as lágrimas não te deixarão ver as estrelas.

●

Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és no mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda brilha, porque alta vive.

RICARDO REIS

●

O essencial é saber ver, / Saber ver sem estar a pensar, / Saber ver quando se vê, / E nem pensar quando se vê, / Nem ver quando se pensa.

ALBERTO CAEIRO

●

Toda a criança é até certo ponto génio e todo o génio é até certo ponto uma criança.

●

Amar não é olhar um para o outro, mas olharem ambos na mesma direcção.

SAINT-EXUPÉRY

●

Diz-me, diz-me: isso... é uma amizade ou uma algema?

JOSÉ MARIA ESCRIVÁ

●

O maior bem que podemos prestar aos outros, não é comunicar-lhes esta ou aquela riqueza, mas revelar-lhes a sua.

LAVELLE

●

Passou a diligência pela estrada, e foi-se; / E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia. / Assim é a acção humana pelo mundo fora. / Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos; / E o sol é sempre pontual todos os dias.

ALBERTO CAEIRO

curiosidade

Conta-se que Bernard Shaw afirmava que todos os anos gozava 365 dias de repouso.

E fazia as suas contas do seguinte modo:

— O ano tem 365 dias, mas metade desse tempo é representado pelas noites, ficando portanto 182 dias.

— Em cada dia, 4 horas são consagradas às refeições o que dá num ano 1460 horas, ou seja, 60 dias.

Ficando-nos 123 dias.

— Tirando-se os 52 Domingos do ano, ficam 71 dias.

— Tirando-se os 52 sábados (que verdadeiramente não contam quanto a trabalho), ficam 19 dias.

— Tirando 15 dias para férias anuais, ficam 4 dias.

— Tirando 3 dias para doença, fica-nos 1 dia.

Bernard Shaw terminava desta forma:

— «Acontece porém, que o dia que fica para trabalhar é o 1.º de Maio, feriado mundial para os trabalhadores».

definições

Adulto: Pessoa que parou de crescer nos extremos e começa a crescer no meio.

Conversa depois de jantar: A arte de diluir uma ideia de dois minutos num vocabulário de duas horas.

Bébé: Um canal alimentável, com voz forte num lado e falta de responsabilidade no outro.

Biquini: Pedaço de pano rodeado de mulher por todos os lados.

des... pensamentos

O silêncio é de oiro. Por isso há muitas mulheres que não são ricas.

●

A insónia é um facto quando se não pode dormir à hora de levantar.

●

Há pessoas que sofrem de indigestão desde que provaram do bolo do casamento.

●

Aquela frase delicada de «primeiro V. Ex.ª» só se usa com sinceridade, nas ante-salas do dentista.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 1/72:

Horizontais: Bispo — Grei; Opip — Ocat; Arara; Ac — Iria — Uc; Chula — Zita; Hora — Si; Acomoda — Ca; Prega; Maca — Goal; Ida — Carlos; Laos — Sa — Ao.

Verticais: Facha — Mil; Io — Chochada; SPA — Urqtao; Pirilampa; Opera — Or; Ai — Adegas; Goraz — Agora; RCA — Is — Aai; Ea — UTIC — Loa; Itaca — As — So.

Quando uma mulher nos diz que está mais próxima dos 50 do que dos 40 é porque tem 60.

●

Quando um senhor casado vos disser que a sua sogra é um anjo, verificai se leva gravata preta.

●

A razão porque muita gente não tem um elefante em casa, é porque se não vendem elefantes a prestações.

●

São raros os homens capazes de ler os pensamentos das mulheres; talvez porque nem todas têm pensamentos.

●

A beleza física é masculina; a beleza química é feminina.

●

É melhor ter uma camisa sem botões do que uns botões sem camisa.

Frei Angélico

(cont. da pág. 6)

edificada por Nicolau V. Esta capela permanece intacta, tendo sido respeitada por todas as reconstruções posteriores.

Penetra uma claridade suave por uma fresta alta. A capela é pequena, e, num relance, pode abranger-se todo o conjunto tranquilo dos frescos de Frei Giovanni que ocupam o tecto e as quatro paredes. Estão ali representadas, não cenas evangélicas ou da vida dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, mas sim, as cenas da vida de Santo Estêvão, e S. Lourenço, dois mártires exemplos da vida sacerdotal, indicando ao Pastor Supremo da Igreja que aqui fazia as suas orações, o dever de ser o primeiro a sacrificar-se. As paredes estão divididas em faixas horizontais e rectangulares, onde transparece a influência de Giotto. Angélico não tem a expressão técnica de Giotto, pois as suas figuras contêm outros sentimentos de amor e piedade.

Este último ciclo de frescos, apresenta já todas as características da Renascença, embora prevaleçam a candura e ternura inspiradas no mesmo sentimento de ardente devoção que as primeiras pinturas deixam transparecer. Frei Angélico faz irradiar nas suas pinturas a graça, o misticismo, o fervor que tem dentro de si. As suas personagens nada têm de terreno. Os rostos reflectem as delícias, as alegrias, a paz, as esperanças da alma em comunhão com Deus.

Em 1451, Frei Angélico é nomeado prior do convento de Fiesole. Neste mesmo ano, recusa a decoração da capela da Catedral de Sorato, confiada, depois, a Frei Filippo Lippi.

Pouco tempo depois, recusaria também ao Priorado, para voltar a Roma onde falece a 14 de Julho de 1455, com a idade de 68 anos.

O seu túmulo encontra-se na igreja da Minerva, em Roma.

Fica-nos, no entanto, um intenso legado de extraordinárias obras desta personalidade piedosamente vincada.

Frei Angélico, para servir a Deus com os seus pincéis, ganhou a glória dos homens e do Céu!

MARIA DE FÁTIMA DINIZ

CASA RAMOS

COMPLETO SORTIDO DE MERCEARIA FINA
CHARCUTERIA

•

Rua Sá da Bandeira 347 — Telefone 25251
PORTO

Mozart

(cont. da pág. 11)

A 15 de Novembro a sua saúde pareceu melhorar um pouco, e ele aproveitou o ensejo para escrever uma pequena cantata, o «Elogio da Amizade», destinada a uma associação de que era membro. Concluiu esse trabalho e, no seu estado geral, operou-se uma transformação, que inspirou a todos a esperança de um completo restabelecimento. Na noite profunda e negra em que mergulhara o seu espírito, cintilavam de onde em onde uns relâmpagos de alegria. Mas... a doença tinha apenas recuado para avançar depois, com mais energia!

Passados poucos dias, Mozart foi acometido de um violento acidente vascular cerebral, e caiu de cama para não mais se levantar. Era um espectáculo verdadeiramente comovedor assistir ao modo como o grande maestro se conformava com a sua desventura! Longe de receber dos outros a coragem e resignação, dele é que partiam as frases de ânimo e de conforto! Uma coisa o pungia sobre todas — a impossibilidade de concluir a obra começada! Incumbiu dessa tarefa o seu discípulo Susmayer e, no dia 5 de Dezembro de 1971, faleceu o grande e imortal Mozart.

É fora de dúvida que Mozart foi o primeiro pianista do seu tempo; mas, este mérito (que seria bastante para ilustrar um homem) desaparece ante a enorme reputação que adquiriu como compositor. O catálogo das suas produções, elevando-se a mais de oitocentos trechos, compreende todos os géneros e Mozart é superior, em todos eles. Não há talvez outro músico de quem se possa escrever o mesmo com justiça.

As «Bodas de Fígaro», a «Flauta Mágica», e o «Dom João» são modelos de composição ideal que estabeleceram, e têm mantido até hoje, as regras do verdadeiro gosto; são colunas vigorosas, sobre que assenta o edifício musical e cuja solidez há-de protegê-lo dos temerários esforços empregados para aluir-lhe as bases.

MARIA DE FÁTIMA DINIZ

Estabelecimentos MELODIA

DISCOS DE TODAS AS MARCAS, NACIONAIS E ESTRANGEIRAS, DO MAIS VARIADO REPORTÓRIO

•

Rua de Sto. António, 35 — Rua de Sta. Catarina, 360
PORTO

Rua do Carmo, 23 a 27
LISBOA

Breve apontamento acerca dos grupos que constituem o Orfeão Universitário do Porto

I — GRUPO CORAL

Dele fazem parte, estatuàriamente, todos os orfeonistas, agrupados segundo os vários naipes. Num total de cerca de 120 elementos, que constituem o efectivo normal e que tomam parte nos espectáculos, repartidos do seguinte modo:

Sopranos (1.os e 2.os) —
Contraltos (1.os e 2.os) —
Tenores (1.os e 2.os) —
Baixos (barítonos e baixos) —

As peças interpretadas, tanto quanto possível adequadas às características especiais deste grupo, são divididas em duas partes: uma totalmente preenchida com música coral da autoria de autores estrangeiros e símbolo das diversas épocas e das diversas correntes musicais; outra preenchida com peças de autores portugueses, com relevo especial para a música popular.

O Coro do O. U. P. será regido pelo Prof. Fernando Jorge Azevedo e dos números que tem preparados far-se-á ouvir em interpretações, as quais estão referidas no programa do espectáculo.

II — GRUPOS DE VARIEDADES

1) *Grupo de Fados e Guitarradas*

Trata-se de um agrupamento constituído, normalmente, por duas guitarras, duas violas e alguns cantores. Do Grupo de Fados e Guitarradas do O. U. P. fazem parte 2 cantores, duas guitarras e duas violas que se farão ouvir numa serenata tradicional: um indicativo tocado, um ou dois fados, uma variação (isto é, um solo de guitarras acompanhadas à viola), mais um ou dois fados e uma balada de encerramento, também tocada.

Desde sempre o O. U. P. tem dedicado um carinho muito especial ao seu Grupo de Fados e Guitarradas que, desde sempre (e já passaram por ele várias gerações de estudantes) tem levado ao público qu o escuta quer a simples mensagem da sua arte quer, para aqueles que o viveram, que o sentiram como seu, a recordação saudosa dum tempo que não volta.

Saudade que nasceu hoje
E que amanhã se esqueceu
Não é saudade, é lembrança
Saudade nunca morreu.

Saudades de amor ausente
Hão-de ser tristes por certo
Mas são mais tristes se a gente
As tem de alguém que está perto.

Grupo de Fados e Guitarradas

Grupo de danças do Minho

orquestra de tangos

2) *Grupos de Danças Regionais*

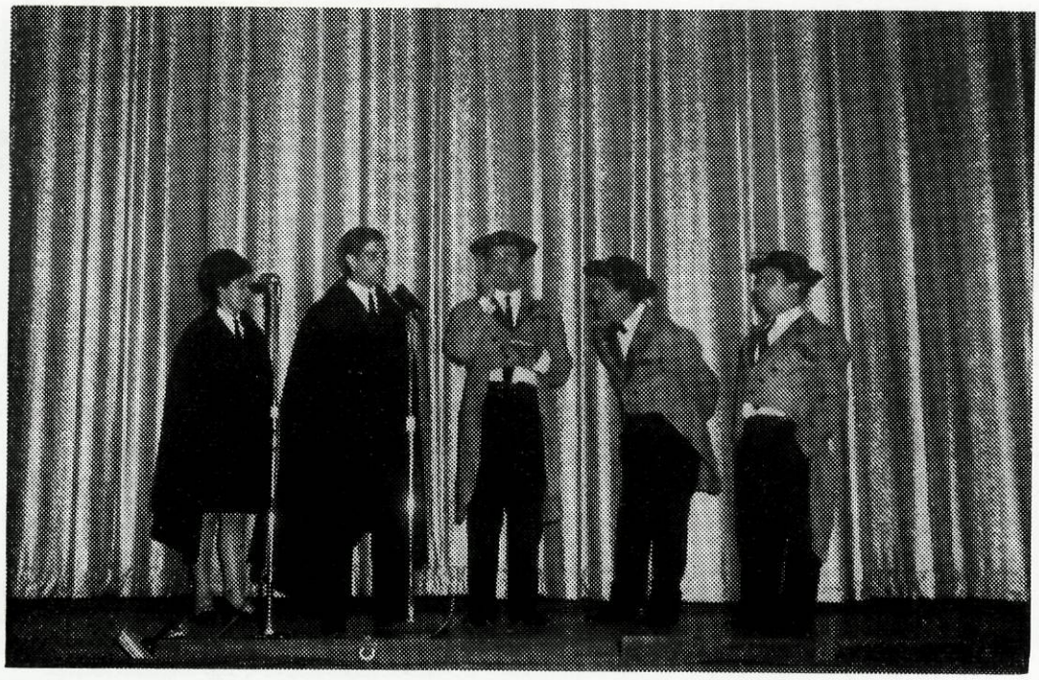
Outra das facetas que se pode divisar no O. U. P. é a ânsia sempre crescente de demonstrar aquilo que Portugal tem de belo e digno de se ver: a coreografia regional portuguesa. Assim, de entre as suas múltiplas actividades, destaca-se o constante labor de Grupos de Bailados Regionais que já exibiram, entre muitas outras, danças das regiões de Braga, Viana do Castelo, Arcos de Valdevez, Santo Tirso, Miranda do Douro, Ribatejo, Algarve, Ilha da Madeira, Arouca, S. Martinho do Campo, Afife e Cidacos.

Orquestra de tangos

Grupo de danças da Madeira

3) *Orquestra de Tangos do O. U. P.*

A sua origem situa-se em 1937 com a designação de Orquestra Universitária de Tangos. É neste mesmo ano que surge, em simultâneo, a Orquestra Universitária do Porto que se dedicava a música mais variada, de outra índole e, como é óbvio, com um número de elementos bastante superior. Os componentes da Orquestra Universitária de Tangos eram recrutados entre os tocadores da citada orquestra gémea e entre os elementos do Orfeão Universitário do Porto que, nesta data, se reorganiza. A partir de 1940 a Orquestra Universitária de Tangos incorporou-se, definitivamente, nas falanges musicais do O. U. P. e passa a designar-se por Orquestra de Tangos do O. U. P.



Jograis

De então até este momento tem sido um constante acumular de êxitos devido a um apuro de forma de que as gravações em disco efectuadas em 1960, 1964 e 1966 são prova cabal.

4) *«Grupo I»*

Não poderíamos deixar aqui de fazer referência também ao grupo alcunhado de «Grupo I», que tem por missão a tarefa ingrata de integrar os espectáculos e realizar, idealizando, os entreactos e números de pano fechado. Os seus «noticiários», «jograis» e «publicidade» são célebres onde quer que o O. U. P. tenha estado.

Os números de graça académica muito ficam a dever a este grupo, normalmente constituído por meia dúzia de orfeonistas mais velhos... e mais «vividos».

5) *Grupo de Cantares Espirituais Negros e Orquestra Feminina*

Integram os espectáculos do O. U. P. apenas quando a duração destes o permite, não actuando em todos, portanto.

O Grupo de Espirituais Negros é um grupo recente e é constituído por cerca de 15 orfeonistas de ambos os sexos que se fazem acompanhar à viola.

A Orquestra Feminina é um agrupamento constituído, na sua quase totalidade, por «algumas orfeonistas» que aliam à sua virtuosidade um esforço interpretativo digno de menção. Num total de 12 elementos, dedica-se esta orquestra a interpretar os êxitos mais recentes da música nacional e estrangeira.

Orquestra Feminina

Silêncio — vamos rir!

NUM HOSPITAL

— O senhor é o dador de sangue?
— Não, senhor doutor. Eu sou o da dor de estômago.

●

Filha: — Mas, papá! Eu amo-o muito. Ele é a luz da minha vida.

Pai: — Bem, concordo que seja. Mas a minha objecção é que não quero tê-lo cá a iluminar-me a casa depois da meia-noite.

●

Na escola:
— Quantas patas tem o cavalo?
— Quatro.
— Por isso, como se chama?
— Um quadrúpede.
— E tu quantas tens?
— Duas.
— Como te chamas?
— Serafim.

●

Na escola, o professor:
— Para que usa o menino a gravata preta tão curta?
— O aluno:—Ando a aliviar o luto, senhor professor.

●

Um psiquiatra interroga um doente:
— O senhor às vezes não ouve uma voz que não sabe de quem é nem de onde vem?
— Exactamente, senhor doutor?
— E quando se verifica esse fenómeno?
— Sempre que atendo o telefone.

●

Um dentista improvisado de aldeia afixou uma tabuleta:

«Arranco dentes. Sem dor—5$00; Com dor—10$00». É claro que os pacientes preferiam tirar sem dor, tanto mais que era mais barato. O artista sentava-os, mandava abrir a boca e, sem mais aquelas, filava o dente com o alicate e arrancava-o de um sacão. Quando o padecente gritava, o dentista perguntava:

— Doeu? Então são dez escudos!

●

Entre canibais:
— Que há hoje para comer?
— Há duas viúvas.
— Ora! Restos, outra vez!

●

No consultório:

Pergunta uma senhora ao médico: — Veja a minha língua, sr. doutor e diga-me o que preciso.

— Descanso, minha senhora, muito descanso.

●

Ela — Dantes dizias que eu era o mundo para ti.
Ele — Pois sim, mas depois estudei geografia!

●

— Que medida de sapatos calças?

— Bem... o meu número é 39. Mas sinto-me tão à vontade quando calço número 40 que—compro sempre 41!

●

— O senhor é muito amigo de cavalos, não é verdade?
— Muitíssimo.
— É claro que monta bem...
— Modéstia à parte, faço-o com perfeição. Ainda ontem o mestre de equitação me dizia que eu e o cavalo parecíamos um só animal.

1912-1972

60.º

ANIVERSÁRIO